

Uma história tecida pela vida e pela linguagem

Beth Brait

A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação - porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.
(João Guimarães Rosa)

Onde começo? Onde o começo?

Ter nascido em Santo André e ser uma itapetiningana que mora em São Paulo há mais de meio século é uma condição existencial que ajuda a entender ao menos parte de um percurso em que as raízes insistem em estar em vários lugares. Muito cedo acompanhei o deslocamento de minha família em direção ao interior paulista, percurso que incluiu as cidades de São Manuel, Bauru, Cotia e Itapetininga. Em Cotia iniciei o primário na bucólica Unidade Granja Vianna do Colégio Rio Branco (hoje Centro Profissionalizante Rio Branco). Ainda na segunda metade dos anos 1950, aportamos em Itapetininga, cidade do interior paulista conhecida, naquele momento, como “Atenas do Sul Paulista” e que, mais tarde, a cruel irreverência adolescente designaria como “*Apenas* do Sul Paulista”. Ali tive uma rápida passagem pelo inesquecível Grupo Escolar Corina Caçapava Barth (hoje Escola Estadual Professora Corina Caçapava Barth), onde adquiri o sotaque característico da região, provavelmente meu primeiro contato forçosamente consciente com a linguagem e suas variantes regionais. Escandalizados com os erres retroflexos e com as “deturpações” que meus irmãos e

eu esbanjávamos orgulhosa e prazerosamente como marca da nossa integração interiorana, meus pais insistiam em corrigir o incorrigível.

Foi nessa cidade que meus pais se estabeleceram, criaram os quatro filhos em um bairro chamado Jardim Itália e, bem mais tarde, foram para um apartamento no centro, habitando o primeiro prédio da cidade: o Barão de Itapetininga. Se a pescaria e o jogo de truco constituíram o principal lazer de meu pai, essas atividades foram intensificadas depois de sua aposentadoria, só rivalizadas com a prosa divertida e os casos sem fim sobre a “campanha da Itália”, (ele foi um *pracinha*) dividida, de forma especial, com os demais aposentados que diariamente ocupavam os saudosos bancos do Largo dos Amores e sua fonte luminosa. Minha mãe sempre foi uma dona de casa assumida, inteiramente dedicada aos filhos e ao marido, excelente cozinheira, costureira de mão cheia (naquele tempo muitas roupas eram feitas em casa), em suma, uma competente e amorosa administradora do lar. Da sacada do Barão podíamos espiar o Largo dos Amores, o clube Venâncio Aires, o prédio da velha prefeitura, dentre outras faces do coração da cidade. Mesmo com descaracterização urbana, sobressaem-se na memória as peças de um cenário povoado de personagens e de histórias guardadas nas dobras de um passado tão presente.

Concluí o primário no Instituto de Educação Peixoto Gomide, importante escola, cuja história remonta o século XIX. Em 1894, Itapetininga foi designada para sede de uma Escola Normal e o projeto de Ramos de Azevedo incluía um prédio central para a Escola Normal, ladeado por dois outros. E assim, o Instituto da minha época abarcou a Escola Modelo Preliminar de Itapetininga, o Grupo Escolar Peixoto Gomide, a Escola Modelo Peixoto Gomide e, atualmente, é a Escola Estadual Peixoto Gomide¹. Nesse imponente

¹ Para maiores detalhes, consultar <http://jlnogueira.no.comunidades.net/instituto-de-educacao-peixoto-gomide2> Acesso em julho de 2021.

Instituto, fiz o Ginásio (quatro anos) e o Clássico (3 anos).

As marcas deixadas pelos anos de *Instituto de Educação* e pela vivência interiorana, fundem, refundem e confundem infância e adolescência, quintais, bailes e bailinhos domingueiros, jardins e namoricos, leituras desordenadas em que contos de fada, Coleção Saraiva e Monteiro Lobato se destacam juntamente com as primeiras desconfianças de que livros não constituíam apenas um mundo misterioso e fascinante, mas se tornavam, para algumas pessoas, caso dos meus professores, a matéria-prima para a realização de um trabalho, de uma profissão, a garantia de sobrevivência material e intelectual. Dessa perspectiva, os livros, se por um lado substituíam as janelas dos trens da minha infância, colocando-me em movimento diante de tantas paisagens, diante de tantos mundos, ao mesmo tempo me ofereciam a possibilidade de uma profissão, de um ganha pão. Um trabalho com livros... Talvez já se anunciasse aí a ideia da independência feminina...

Uma das figuras centrais para a percepção dessa realidade, considerando-se naturalmente que a consciência explícita eu talvez só tenha tido anos mais tarde, pois o que contava naquele momento era a dimensão emocional da descoberta, foi meu querido professor Francisco da Silva Borba. Naquele momento, final dos 1950, início dos 1960, o *Exame de Admissão ao Curso Ginásial do Instituto de Educação Peixoto Gomide* colocou-me diante de um professor bonito (eu vinha do Primário e só conhecera professoras...), sério e sisudo, que me fez decifrar um texto e enfrentar verbos irregulares e defectivos. Apesar da minha surpresa com o moço, cuidadosamente disfarçada pela minha timidez, confesso que não foi exatamente naquele momento que me apaixonei pela língua, pela linguagem. Achei-a até bem difícil de encarar. De fato, a importância de Francisco da Silva Borba e seu papel decisivo no que diz respeito às minhas descobertas em torno da linguagem vieram um pouco depois, nas primeiras séries do antigo Ginásio.

Como professor de Português do Curso Ginásial, ele dedicava a quinta aula da semana à leitura da obra de Monteiro Lobato. Na verdade, esse autor, envolvido por capas verdes cuidadosamente enfileiradas nas estantes de um tio querido, já despertara minha curiosidade. Como meu tio morava em Santo André, somente nas férias eu tinha oportunidade de recomeçar a leitura lenta, que a alfabetização, ainda primária, e os passeios e as brincadeiras com os primos não permitiam concluir. Entretanto, a voz agradável, pausada e didaticamente sedutora do professor Borba abriu-me as portas para aquele mundo fantástico, estabelecendo decisivamente a ponte entre o coração e a escola, entre a linguagem e o mundo, entre os livros, o prazer e a profissão.

Bem mais tarde, quando meu interesse pelos estudos da linguagem tornou-se uma opção consciente, uma forma de vida, reencontrei, num primeiro momento unicamente via livros, esse mestre querido. Ele já era, então, um respeitado e reconhecido linguista. E eu começava a trilhar um caminho que até certo ponto era semelhante ao da voz que outrora materializara o Sítio do Pica-Pau Amarelo, ou seja, o entrelugar desenhado no limiar entre língua e literatura. Muitos foram os encontros, incluindo, especialmente, o árduo Concurso para a Livre-Docência, realizado na Universidade de São Paulo em 1994, momento em que, durante quatro dias, fui arguida por Borba (e mais 4 arguidores), tendo o prazer de ouvir suas reflexões e contar com sua aprovação.

Voltando ainda a esse passado que alicerça meu presente, a opção pelo Curso Clássico também significou um momento essencial para os meus contatos mais próximos com disciplinas que me levariam ao Curso de Letras e ao magistério superior. Num momento em que as moças, especialmente as de classe média, eram naturalmente levadas a fazer o Curso Normal, para obter um diploma e começar a lecionar imediatamente, lutei para frequentar um curso que, na visão familiar, itapetiningana e pragmática, “não

tinha serventia alguma”. Era um curso, como eles insistiam em reiterar, que além de não dar diploma, acabava motivando “as” cursantes a prosseguir os estudos em uma Faculdade. Como em Itapetininga não havia Faculdade, seria fatal o deslocamento das donzelas para Sorocaba ou, pior ainda, para São Paulo... A duras penas, todos os obstáculos foram sendo superados. Em parte, graças à minha teimosia, mas talvez mais fortemente em função do orgulho de meus pais que, prezando acima de tudo os estudos, vislumbraram a possibilidade de terem uma filha “formada na Faculdade”. Estava pavimentado o caminho: os quatro filhos, três mulheres e um homem, formaram-se em diferentes faculdades, fora de Itapetininga.

Daquele momento, ainda, uma experiência de vida e de conhecimento se projeta como ponte entre o Interior e a Capital. Um pequeno grupo formado por alunos do Clássico, do Científico e do Normal, alunos que se consideravam de “esquerda”, pois estavam atentos aos movimentos sociais que então agitavam outras cidades que não Itapetininga, organizaram, sob a liderança da hoje bem-sucedida empresária paulistana Maria Cecília de Melo Leonel, minha grande amiga da vida toda, um “cursinho vestibular” que, sem fins lucrativos, prepararia os interessados em prosseguir seus estudos, contando com o apoio dos melhores professores locais. Essa nossa “experiência socialista” deu certo. Não apenas colocou os alunos em excelentes Universidades brasileiras, incluindo a nossa *empreendedora socialista*, como transformou as sobras das mensalidades (que serviam para pagar os professores de forma justa) em *fundo de manutenção, na capital, dos que não tinham meios próprios para a sobrevivência na fase universitária*. A única condição exigida dos beneficiários era a de que, assim que estivessem em condições, devolvessem o dinheiro ao *fundo* para que outros pudessem ter as mesmas oportunidades. Como toda experiência socialista, há sempre uma forma de o tempo se encarregar de

destruí-la. O segundo beneficiário venceu na vida e se esqueceu para sempre do trato e dos nobres propósitos do grupo. Essa experiência, assinada por um coletivo liderado por Cecília Leonel, marcou minha existência e interferiu, para sempre, em minha visão de mundo.

Com essa bagagem, prestei vestibular na USP, entrei para o Curso de Letras da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e comecei um outro percurso existencial. Terminava o ciclo *itapetininguês* e iniciava-se um outro na capital paulista, que a bem da verdade dura até hoje.

Aqui abro parênteses para me perguntar por que ir tão longe no tempo para narrar meus encontros com a linguagem enquanto prazer, profissão e abertura de caminhos para a compreensão da vida, da sociedade, da cultura, do ser humano em sua diversidade e complexidade. Penso que o deslocamento espacial, além de desenhar uma história de vida que se construiu entre vários lugares geográficos, implicou um *entre lugar* linguístico e existencial, no qual as *variantes*, longe de significarem unicamente alternâncias fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas, facilmente assimiláveis por uma criança, por uma jovem, e mesmo por uma adulta, me constituíram como um sujeito discursivo múltiplo que, para a própria sobrevivência, foi ganhando consciência linguística. O constante encontro com a alteridade linguística e humana de cada cidade, de cada comunidade com a qual tinha contato, vivenciava, significava uma experiência complexa, por vezes dolorosa, por vezes muito divertida, mas sempre enriquecedora. E se o imaginário acata a condição de *migrante*, essa espécie de camada de estádios sempre ressignificados pelas passagens e pelos limites prontos a serem desfeitos, as escolhas epistemológicas e teóricas, como se verá, parecem acolher e assumir essa condição constitutivamente múltipla.

Ai, Maria Antônia do meu coração...

Em São Paulo, fui morar em um pensionato para moças a que denominávamos *Pensionato da Dona Joaquina*, obviamente por ser esse o nome da severa proprietária. Num certo sentido, ele era muito parecido com aquele que Lygia Fagundes Telles descreve no livro *As meninas* (1973) e ficava a algumas quadras de onde funcionava o curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP: *Maria Antônia*, nome da rua que também designava a faculdade. Passei a preencher os dias e noites com as aulas e as leituras exigidas pelo curso, as inúmeras atividades culturais que a grande cidade oferecia e que eram seguidas por intermináveis discussões à mesa de um bar e, como não podia deixar de ser, comecei a participar ativamente do movimento estudantil.

Ao mesmo tempo, precisava me sustentar, o que me levou a trabalhar meio período em um banco, até o momento em que prestei um concurso para lecionar no Cursinho do Grêmio da USP. Desta primeira experiência didática, ainda resta um exemplar das apostilas que eu preparava e que constituíram, portanto, minhas primeiras publicações, minhas primeiras autorias. Comecei a lecionar no final da década de 60 e nunca mais parei...

Na Faculdade, as grandes paixões, as grandes descobertas. Embora eu gostasse muito de ler, comecei a perceber que havia maneiras de estabelecer um contato mais profundo com os livros, com o que eles diziam, ou seja, com a ajuda de outros tantos livros e, com o auxílio de disciplinas inteiramente voltadas para os mistérios da linguagem. Se de um lado a História, a Sociologia, a Filosofia e, especialmente, a teoria marxista disputavam com os volumes de língua e literatura a prioridade na minha estante, as obras de linguística e teoria literária começaram a ganhar um espaço privilegiado. É, portanto, desde aquele momento, a minha impossibilidade de decidir, de fato, entre a especialização em estudos

linguísticos e/ou estudos literários. Para mim, constitutivamente coordenados por um e, desde o princípio...

Esses dois campos me foram revelados, para além dos livros, por professores como Izidoro Blikstein, Erasmo D'Almeida Magalhães, Ada Natal, João Alexandre Barbosa, Walnice Nogueira Galvão, Berta Waldman, Antonio Dimas, Décio de Almeida Prado, José Carlos Garbuglio, Davi Arrigucci, Massaud Moisés e tantos e maravilhosos outros mestres e mestras. Como no mundo nos encontramos em determinados lugares que nos impõem recortes que vão se desenhando por nossa visão valorativa, para mim, cada um dos mestres/mestras instigava uma percepção inteiramente nova da linguagem, de suas estruturas, de suas funções e de sua complexidade, trabalhando com rigor e criatividade os sistemas verbais, os não verbais, diferentes sistemas culturais, diversas e complexas estruturas sociais, interligando o dentro e o fora do texto. Aquilo que o texto trazia para dentro de si, materializado como linguagem, era justamente o que apontava para fora, sinalizava mundos. Acontecia, no sentido mais completo, a relação constitutiva entre linguagem e vida, que ia sendo sedimentada via Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade (entre tantos outros), de forma que os gestos inaugurais de Francisco da Silva Borba, o linguista e o porta-voz da literatura, se solidificavam, disciplinando e re-significando a relação emotiva que eu mantivera até então com a linguagem e com os livros.

Recordo-me, por exemplo, logo nos primeiros anos da graduação, de uma prova de Linguística em que o objeto de análise era um quadro de Salvador Dali, observado pelo prisma dos estudos semiológicos. E que esta prova aconteceu na sequência de uma aula de Filologia Românica em que o professor Felipe Jorge trancara a porta, deixando retardatários de fora... Eram muitas coisas construindo conhecimento e me alterando profundamente: as aulas de Glossemática, Antropologia, Cultura, Fonologia, Teoria literária

e tantos outros campos relacionados a domínios atravessados pela linguagem, os quais se ofereciam como um leque interdisciplinar, tecendo e intercambiando mundos. De forma privilegiada, naquele momento, esses campos me tocavam tanto pela voga estruturalista, com a qual aprendi muito, quanto pela perspectiva sociológica, uma marca que se instalou em mim para sempre.

Com essas duas grandes vertentes dos estudos da linguagem, fornecedoras de subsídios para acompanhar várias outras oferecidas pela Faculdade, descobri que era preciso auscultar *na e pela linguagem*, travestida de histórias, poemas, quadros, filmes, ordens militares, panfletos, *slogans* políticos, publicidade etc., a História, a Cultura, a Sociedade. Começava a me assaltar a ideia, ainda não burilada, de que por meio dos incalculáveis meandros inventados pelos seres humanos para simbolizar, significar e compreender a vida, também se podia entender como as linguagens atuam sobre nós, nos constituem e como atuamos com elas e sobre elas. Ou seja, a linguagem começou, para mim, a ser pressentida como atividade, como evento, como ato, artístico ou não, que materializa, concretiza as complexas relações que os seres humanos estabelecem com a vida, com os outros seres humanos e consigo mesmos. Configurava-se, portanto, já naquele momento, uma percepção das linguagens como conjuntos de signos axiológicos, carregados de valores, nos quais o coletivo e o individual se tensionam e se constituem. Só não tinha encontrado, ainda, uma perspectiva epistemológica que me dissesse isso com todas as letras. Mas chegaria lá...

Minha formação, pouco a pouco, ia ganhando corpo, ia ganhando forma, ainda que como esboço, como rascunho. E mais, ia empurrando os interesses para duas certezas: a primeira dizia respeito à consciência das imensas lacunas de minha formação (não sabia, então, que o conhecimento multiplica eternamente as lacunas...), e que talvez pudessem ser suavizadas com muita leitura, com muito estudo, com muito contato com as linguagens

constantemente em movimento; a segunda, a de que a escolha da carreira acadêmica seria uma maneira de me submeter à disciplina do estudo em direção à superação de parte das fantasmagóricas lacunas. E esse talvez tenha sido o maior ensinamento da Faculdade, uma vez que aliou consciência crítica à disposição para o ensino. Essas questões, de fato revolucionárias para mim, começaram cada vez mais a me impor a ideia de que a revolução política, que acreditávamos estar prontos a realizar por meio do movimento estudantil e das orientações do partido de esquerda a que pertencíamos, era apenas uma das muitas revoluções a serem feitas. E tínhamos fôlego e certeza de que, com a força da juventude, que acreditávamos eterna, poderíamos e deveríamos realizar todas...

A vivência na Maria Antônia acabou no dia em que tivemos de nos transferir para a Cidade Universitária, após uma batalha campal com o “Mackenzie”, momento em que perdemos a inocência e alguns companheiros. Mas continuou de forma indelével, não apenas nas diferentes formas de luta que marcaram a década de 70 e boa parte da de 80 contra os horrores da ditadura, mas pela vida afora, determinando escolhas, sugerindo caminhos, transformando-se no símbolo de uma geração: a *Geração 68* a qual tenho o privilégio de pertencer. Restabelecida a democracia, após uma longa e sangüinária ditadura militar que durou mais de duas décadas, estávamos certos de que as conquistas democráticas seriam para sempre. Entretanto, cá estamos nós, vivendo uma dupla pandemia, política e sanitária, com os fantasmas de um regime autoritário nos afrontando diariamente. E temos de concordar com o escritor Roberto Ampuero quando, pela voz de um de seus personagens, afirma:

A História não é linear nem tem lógica – esclareceu. – Suspeito que eles acreditam no eterno retorno da História. Por que não? Nós, seres humanos, somos os únicos capazes de tropeçar duas vezes na mesma pedra. Tudo

pode voltar a acontecer na América Latina. De forma parecida ou diferente, mas tudo pode acontecer de novo. *Não se assusta com essa perspectiva?* (AMPUERO, 2014, p. 224; itálico meu).

Todos os caminhos levam à USP?

As aulas no *Cursinho do Grêmio da USP*, mencionadas anteriormente, foram um importante começo para a minha vida acadêmica. Elas tiveram a duração necessária para eu adquirir uma rígida disciplina de estudos e preparação de aulas, uma vez que era preciso me organizar, pois a Faculdade e a política consumiam grande parte do meu tempo. Fragmentado pelas facções políticas que o disputavam, o Cursinho do Grêmio deu origem a outros cursos preparatórios e eu, em 1970, me tornei professora de um deles, *Etapa Vestibulares*, lecionando Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e confeccionando apostilas.

Os três anos como professora de “cursinhos” foram extremamente enriquecedores, embora massacrantes. No começo de 1971, entretanto, surgiu a oportunidade de deixar os cursos preparatórios para o Vestibular e participar de uma experiência didática diferente. O saudoso crítico de música erudita José Jota de Moraes (1943-2012), meu grande e querido amigo, também professor e itapetiningano, convidou-me para trabalhar no IADÊ, um colégio técnico muito especial, que congregava em seu corpo docente muitos artistas e arquitetos, representando na época um trabalho inovador em termos de *Segundo Grau*.

Minha permanência de seis anos nessa escola contribuiu decisivamente para a minha formação didática e intelectual. Meu trabalho com língua, literatura e redação era feito em parceria com o grande amigo e intelectual José Jota de Moraes, desenvolvendo-se interdisciplinarmente com História, História e Teoria da Arte, diferentes disciplinas voltadas para o Desenho, a

Sociologia e a Filosofia. Além disso, foi durante esse período que tive a oportunidade de conhecer, dentro e fora da escola, sempre por meio dos professores que lá trabalhavam e por interferência da filosofia que regia o ensino do IADÊ, pessoas e grupos ligados às vanguardas do momento. Esse é o caso de Haroldo Campos e Augusto de Campos e, conseqüentemente, da Poesia Concreta; dos trabalhos de Naum Alves de Souza, que tinha um de seus espaços de trabalho num galpão do IADÊ; do Grupo Rumo; do grupo de teatro inovador Pod Minoga; de Samir Meserani e sua inovadora experiência com redação criativa, a qual praticávamos; de muitos artistas que tinham no Colégio IADÊ um ponto de encontro, ou mesmo um emprego caso, por exemplo, de Marcelo Nitsche (1942-2017).

Essa riquíssima experiência coincidiu, em grande parte, com meu curso de Pós-Graduação. Inteira e intensamente envolvida pelo trabalho com a linguagem, uma vez que o Colégio IADÊ me contratara em tempo integral, isto é, com remuneração que incluía as horas de pesquisa e a preparação conjunta de cursos, optei pela Pós-Graduação na área de Linguística (Semiótica e Linguística Geral da FFLCH/USP), não sem antes pesar minhas fortes tendências para os Estudos Literários. A escolha foi feita porque, tanto naquele momento como hoje, acredito na abertura implicada nas inúmeras tendências que envolvem a Linguística, quer nas suas versões voltadas para o estudo da imanência, quer nas voltadas para o estudo da linguagem em uso e mais especificamente para os estudos do discurso. Naquele momento, assim como hoje, essa área do conhecimento se apresentava como uma oportunidade de articular meus interesses por língua, literatura e, especialmente, teorias da linguagem.

Embora o curso de Pós-Graduação e o IADÊ preenchessem muitas horas do meu dia, aceitei iniciar também minha carreira universitária. Em 1973, recebi o convite para trabalhar como

Instrutora Voluntária no curso de Linguística, pertencente ao Departamento de Linguística e Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Voluntária significava, naquele momento, não remunerada, sem qualquer direito, mas com todos os deveres de um professor regular. Assim permaneci por alguns anos.

Estando as atividades políticas sufocadas naqueles duros anos, passei a me dedicar inteiramente à pesquisa e à docência, tendo a oportunidade de conviver, graças às especificidades dos vários espaços, com grupos de pessoas muito diferentes, mas que participavam de forma essencial na minha formação e na construção do meu caminho profissional e acadêmico. A opção pela Área de Semiótica e Linguística Geral proporcionou-me muitas alegrias e também muitos dissabores. Sob a orientação do professor Cidmar Teodoro Pais, um dos únicos orientadores na área, procurei contornar os infortúnios das conturbadas relações orientanda-orientador, dedicando-me ao estudo das teorias sobre os sistemas de significação, multifacetados naquele momento entre a semiologia, a teoria peirceana e a semiótica greimasiana.

Na época, eu ainda não tinha notícias da análise do discurso e nem mesmo das obras de Mikhail Bakhtin e dos demais membros do hoje denominado Círculo. Imaginava, porém, se não seria possível analisar e interpretar a produção de sentidos com o mesmo rigor praticado pela sintaxe e pela fonologia. Intuí a possibilidade de trabalhar a materialidade do texto, sua dimensão linguística, verbal, e mesmo as dimensões híbridas, verbo-visuais, relacionando-as ao extra verbal, olhando-as pelas frestas das constitutivas articulações *texto-contexto*. Era sem dúvida mais um momento em que eu experimentava várias teorias, mas não tinha ainda chegado àquela que me escolheria e me tornaria uma especialista em discurso.

A tese de doutorado, defendida em 1981, quando eu já estava casada com uma filha, e intitulada de forma bastante extravagante

e intertextual “Questão de ordem, questão de desordem: um lance de dados que jamais abolirá o acaso”, é uma análise semiótico-literária da obra *A festa* (1976)², do escritor brasileiro contemporâneo Ivan Ângelo. A fundamentação teórica respalda-se no semioticista Algirdas Greimas e em Roland Barthes, em sua fase semiológica. Ao empreender a leitura de um dos primeiros romances brasileiros a retratar de maneira não convencional, interdiscursiva e intertextual a situação política brasileira, o trabalho pretendeu ser também uma reflexão crítica sobre a objetividade nas Ciências Humanas.

Na expectativa de poder encontrar na semiótica greimasiana um instrumento para a análise do relacionamento texto-contexto, acabei de certa forma concluindo que a rigidez imposta pelo método, ao menos como ainda estava sendo concebido em seus primeiros anos de existência, não só não dava conta (e nem pretendia dar...) da relação objetivada como, ao mesmo tempo, despertava a desconfiança sobre a possibilidade de uma metodologia inteiramente objetiva para a leitura da riqueza de um texto. Pior que isso, ao final da análise e, portanto, terminada a tese, tive a certeza de que a submissão de um texto às grades da análise semiótica (como eu a praticara, evidentemente) não apenas transformava os textos em invariáveis que não o distinguiam de qualquer outro, como punha em xeque o conceito de texto, de linguagem viva e em uso. Por essa razão, apesar de ter publicado tanta coisa, jamais quis publicar a tese de doutorado em seu conjunto.

Afastei-me da perspectiva estrutural greimasiana e saí em busca de outras teorias voltadas para a linguagem em uso, com uma dicção social e cultural mais forte. Com relação à utilização das reflexões de Roland Barthes, o trabalho, sob esse aspecto, serviu para mostrar a abertura representada por Barthes diante de uma Linguística puramente estrutural, possibilitando uma certa

² Para a edição de *A festa* de 1995, escrevi “A narrativa como criação e resistência: a cumplicidade da escritura” (ÂNGELO, 1995, p. 223-233).

flexibilização da análise e, ainda, despertando meu interesse para suas brilhantes obras. Dentre o conjunto de seus escritos, a obra *Mitologias* (1972), que tanto me inspirou na construção e teorização de análises verbo-visuais³, traz no final da introdução as seguintes palavras que sempre iluminaram para mim a relação entre ciência e artes, estudos linguísticos e estudos literários:

Quero dizer que não posso aderir à crença tradicional que postula um divórcio de natureza entre a objetividade do cientista e a subjetividade do escritor, como se um fosse dotado de um a “liberdade” e outro de uma “vocação”, destinadas, ambas, a escamotear ou sublinhar os limites reais da sua situação. Exijo a possibilidade de minha época, que pode fazer de um sarcasmo a condição da verdade (BARTHES, 1972, p. 8).

Antes de completar meu doutorado, deixei o trabalho de *Instrutor Voluntário* no Departamento de Linguística e Línguas Orientais da FFLCU/USP, após alguns anos de ensino de Linguística para classes que contavam com mais de duzentos alunos, uma vez que Introdução à Linguística era obrigatória para todos os alunos que entravam em Letras. Já com o título de Doutor, fui convidada para reiniciar o trabalho junto aos professores de Linguística, mas não aceitei. Não me pareceu, naquele momento, que o curso de Linguística da USP pudesse deixar de ser o núcleo de difícil convivência no qual se transformara. Vários professores haviam saído e eu não me sentia, ainda, com forças para enfrentar a luta.

Mas antes um pouco, em 1975, surgiu uma outra oportunidade de trabalho em nível universitário. Nina Rosa Lourenço, professora de Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e

3 Os textos reunidos em *Mitologias* foram escritos entre os anos 1954 e 1956 e o livro aparece em 1957, sem ilustrações, embora os textos analisados sejam visuais ou verbo-visual. Em 1970 foi publicado na França *Mythologies Barthes*, um *beau livre*, uma edição belissimamente ilustrada, estabelecida pela pesquisadora Jacqueline Guittard. A esse respeito, ver Brait (2014), que discute a possibilidade de leitura da verbo-visualidade, a partir da teoria dialógica do discurso proposta por Bakhtin e o Círculo, tomando como objeto um dos ensaios de *Mythologies illustrées*: “Saponáceos e detergentes”.

Vernáculas da USP, convidou-me para fazer parte do corpo docente da Faculdade de Comunicação Social da FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, lecionando *Técnicas de redação*. Naqueles anos, a FAAP já era um importante centro de ensino de São Paulo, reconhecido não apenas pela excelência de seu curso de Artes Plásticas e Engenharia, mas também pelos cursos de Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Rádio e Televisão. A disciplina que assumi tinha sido ministrada por João Alexandre Barbosa, Lygia Correa de Moraes e Edith Pimentel Pinto. E no ano em que entrei, Wladimir Herzog, que era um dos professores da casa, lecionando telejornalismo, foi morto pela ditadura, fato que determinou a desativação, em curto prazo de tempo, do curso de Jornalismo.

Passei dez anos na FAAP, de onde saí em 1985 para assumir a função de Professor Assistente- Doutor em RDIDP (Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa) junto ao Curso de Linguística do Departamento de Linguística e Línguas Orientais da FFLCH/USP, ou seja, o mesmo em que estive por vários anos como *Instrutor Voluntário*. Os dez anos passados na FAAP foram repartidos entre os cursos na Graduação, a Chefia do Departamento Básico, as lutas pela melhoria do ensino, do currículo e dos salários. Mas foram, principalmente, anos de convivência com excelentes profissionais que deixei no momento em que pude assumir o tempo integral na USP, como fizeram meus renomados antecessores.

No final dos anos 70 e durante os 80, minha experiência como professora no IADÊ e depois na FAAP converteram-se em dois tipos de publicações, profundamente relevantes para minha constituição como estudiosa da linguagem: a crítica militante em jornais, especialmente o *Jornal da Tarde*, e a produção de livros didáticos.

A crítica militante

No ano em que entrei para a FAAP, o mesmo José Jota de

Moraes, que era crítico de música erudita do *Jornal da Tarde* e meu chefe no Departamento Teórico do IADÊ, me iniciou na crítica militante. A seu convite, passei a fazer parte do corpo de críticos do *Jornal da Tarde*, atividade que naquele momento ocupava um grande espaço nos jornais e revistas do país.

Meu primeiro trabalho foi escrever um texto para a seção *Contraponto*, espaço reservado a reflexões sobre os mais diversos assuntos. Ao chegar ao resultado final, intitulado “O verbo no princípio. E no fim”, vivi uma curiosa experiência. Com o propósito de analisar as relações existentes entre linguagem verbal e linguagem visual, evidentemente impregnada pela vivência acadêmica e por um interesse que perdura até hoje, entreguei ao editor Maurício Kubrusly meu primeiro texto jornalístico. Depois de ler com muita atenção, o editor fez o seguinte comentário: “Seu texto é bom. Entretanto, você terá de se decidir entre a marginal do Pinheiros e a marginal do Tietê”. E me devolveu as laudas que eu havia entregado a ele. Voltei para casa, meditei a respeito da imagem geográfico-fluvial, refiz o texto e entreguei de novo a Maurício. Foi publicado no sábado seguinte (*Jornal da Tarde*, 29/09/75, p.18) e daí em diante escrevi, sistematicamente, durante mais de dez anos, nesse e em outros jornais e revistas, consciente de que a produção banhada pelo rio Pinheiros não pode ser idêntica àquela regada pelo Tietê, embora não se excluam e possam até dialogar em uma terceira margem.

As duas centenas de artigos elaborados nesses anos, e que têm por objeto a literatura brasileira e estrangeira, teoria literária e estudos linguísticos, formam um conjunto de resenhas e ensaios de fôlego compatível com o veículo a que se destinaram e que, dada a regularidade, testemunham boa parte da intensa produção literária, crítica, ensaística e didática do período. Essa experiência representou uma das atividades mais importantes do meu trajeto profissional, não apenas enquanto disciplinado exercício de informação e estilo,

mas como condição de acompanhamento sistemático e reflexivo de uma fatia específica do mercado editorial brasileiro.

É bem verdade que ao lado da notoriedade involuntária condicionada pelo nome impresso em letras de forma, em veículos de grande circulação, ocorria uma ambígua recepção por parte da comunidade acadêmica... Assim como o jornalista desenvolve uma espécie de preconceito contra o rigor e as formas de trabalho da Universidade, a academia oscila entre a necessidade de ver seus trabalhos divulgados pela imprensa e um certo preconceito contra o *caráter ligeiro* exigido pela mídia. No concurso para efetivação na USP, ao qual me submeti em 1990, após vários anos de estar contratada como “precário”, um dos membros da banca examinadora, depois de me considerar extremamente produtiva (mesmo de acordo com os padrões internacionais..., segundo suas gentis palavras), me perguntou se eu achava que os textos publicados em jornal tinham a mesma importância que os divulgados em periódicos científicos. Respondi que tinha consciência absoluta das diferenças existentes entre os dois tipos de atividade (de novo as margens do Tietê ou do Pinheiros?...), que não apenas meu primeiro editor tinha me explicado essa diferença com uma única e metafórica frase, mas que minha duplicidade (acadêmico/jornalística) me obrigara a essa disciplina, ou seja, a me adaptar aos gêneros, considerando as especificidades e as coerções de cada uma das esferas da atividade humana. Se a linguagem era sempre meu tema de partida, nas aulas, nos artigos para jornais e revistas, em artigos científicos, nos livros didáticos e paradidáticos, isso significava um trabalho constante em que a heterogeneidade não implicava esquizofrenia ou polos excludentes. Ao contrário, tratava-se do encontro com a alteridade, com o plurilinguismo, com a heteroglossia constitutiva da língua, das linguagens e, conseqüentemente, das identidades eternamente em construção. E das diferentes esferas e gêneros que as caracterizam.

A diminuição progressiva de artigos para jornal e revistas a partir de 1988 e o aumento significativo de publicações em periódicos científicos, anais de congressos e participação em livros especializados não significam escolha exclusiva pelas margens de um dos rios. Há aí as coerções existenciais e profissionais. Enquanto eu era professora horista na FAAP, sem projeto institucional de pesquisa, sem obrigação de formar pesquisadores ou de participar sistematicamente de encontros científicos, comissões examinadoras e outras atividades constitutivas do tempo integral e da filosofia das universidades públicas e das confessionais, podia me dar ao luxo de ler e escrever durante muitas horas do meu dia, transformando esse fazer em uma profissão: crítica militante. A dedicação em tempo integral à pesquisa e à docência impossibilitou a continuidade da crítica militante, uma atividade profissional que requer longas horas de trabalho.

Os livros didáticos e paradidáticos

No que diz respeito aos livros didáticos e paradidáticos, é preciso comentar a maneira como minha relação com o ensino de língua, de literatura, de teorias da linguagem me encaminharam para a publicação de várias obras, já a partir do final da década de 1970.

Como resultado do trabalho desenvolvido no IADÊ e na FAAP, surgiram quatro livros didáticos: *Encontro com a linguagem*, em três volumes, e *Aulas de redação*, todos publicados pela Atual Editora (1977, 1978, 1979 e 1980). Essa produção, realizada em parceria com Nina Rosa Lourenço e José Luiz da Costa Aguiar Negrini, constitui uma etapa bastante significativa na minha vida profissional. Durante quatro anos, Nina, José Luiz e eu nos reunimos para pesquisar, discutir e escrever, patrocinados pela Atual Editora. A experiência que cada um havia tido com o ensino somou-se ao objetivo de

produzir um material didático que articulasse língua, literatura e redação, de acordo com as contribuições mais recentes, naquele momento, das teorias sobre a linguagem. O resultado foi muito bom. Os livros foram adotados em bons colégios e constaram, durante vários anos, de bibliografias de Linguística e Língua Portuguesa, tanto da USP quanto da PUC-SP, para citar apenas duas grandes Universidades.

Participei, também, como autora, da coleção *Literatura comentada*, que teve sua primeira edição publicada pela Abril Cultural e as demais pela Nova Cultural. A convite da organizadora, e hoje grande amiga, Marisa Lajolo, elaborei os volumes *Guimarães Rosa*, *Ferreira Gullar* e *Gonçalves Dias*. Sendo uma antologia comentada, com introdução sobre particularidades do autor, das obras e da época, e sendo destinada ao uso escolar, mais uma vez tive a oportunidade de fazer confluír minhas preferências literárias e um exercício de estilo que, aproximando-se do texto jornalístico, deveria necessariamente dosar o rigor da pesquisa, e uma certa aura acadêmica, à possibilidade de acesso fácil ao público. A coleção, uma espécie de “nossos clássicos”, constitui um dos felizes e úteis achados da combinatória Universidade-Indústria Cultural. Cada um dos meus títulos teve três edições.

Em 1985, mesmo ano de meu reingresso na USP em tempo integral, publiquei *A personagem*, dentro da *Coleção Princípios* da Editora Ática. Nesse livro, procurei reconstruir as principais concepções teóricas existentes sobre os “seres de ficção”. Ao mesmo tempo em que as questões da linguagem começam a articular posturas literárias e discursivas, também há depoimentos de vários escritores brasileiros de renome, os quais generosamente responderam à questão “De onde vêm esses seres?”, completando o enfoque. Depois de muitas edições e reimpressões, em 2017, revista e ampliada, tanto em termos teóricos como em número de depoimentos, *A personagem* foi publicada pela Editora Contexto.

Essa nova edição acolhe, como não poderia deixar de ser, pesquisas e reflexões que venho desenvolvendo, desde o final dos anos 1980, a respeito de M. Bakhtin, V. Volóchinov e P. Medviédev e os demais membros do hoje denominado *Círculo*, testemunhando meu encontro com os estudos dialógicos do discurso, que me levaram à proposição da *Análise Dialógica do Discurso* (ADD) e, também, os estudos da verbo-visualidade (intersemioses, multimodalidades). No item intitulado “A personagem sob as luzes do século XX” afirmo:

[...] não seria coerente se não fizesse menção a uma vertente do conhecimento iniciada nos anos 1920, mais conhecida no Ocidente a partir dos anos 1970, que se afasta radicalmente do tratamento estrutural, formalista da personagem. Na verdade, trata-se de uma reflexão que desenvolve uma polêmica aberta com essas perspectivas, especialmente no que se refere à concepção de linguagem, tanto artística quanto não artística (BRAIT, 1917, p.57).

Em seguida, destaco três das obras de Bakhtin em que essa temática foi magistralmente desenvolvida - “O autor e o herói [a personagem] na atividade estética”, *Problemas da poética de Dostoiévski* e “O discurso no romance” -, apresentando, a partir delas, uma análise de discursos literários de resistência, os quais tematizam a ditadura militar brasileira dos anos 1960-1980 e que constituem uma temáticas centrais de meus projetos de pesquisa, acolhidos e financiados pelo CNPq desde a segunda metade dos anos 1990.

Parênteses necessário

Retomando um pouco o caminho... A volta para a USP em 1985, como professora de Linguística, foi um acontecimento que envolveu um longo processo de reflexão e uma grande dose de paciência de ex-professores e amigos empenhados em me ajudar na difícil decisão. Por um lado, eu precisava, àquela altura da

vida profissional, participar de uma instituição que me oferecesse espaço e condições para a docência e para a pesquisa. Por outro, eu conhecia bem todos os problemas que envolviam o curso para o qual estava mais uma vez sendo convidada e com o qual tinha tido uma longa vivência como aluna e como professora. Sabia, ainda, de todos os linguistas que haviam sido forçados a procurar um outro espaço para continuar suas carreiras, para desenvolver seus trabalhos. As conversas com professores da casa, principalmente meu ex-professor e grande amigo João Alexandre Barbosa, pesaram positivamente na decisão. Com a mesma serenidade com a qual me incentivou para os estudos literários, João Alexandre também me forneceu as razões e a força para aceitar o convite: ocupar um espaço de possibilidades, ao qual na opinião dele eu fazia jus, e tentar contribuir, com meu trabalho e com meus esforços, para uma mudança radical no Departamento de Linguística, uma vez que muitas pessoas estariam dispostas a participar das transformações da Linguística na USP.

Foi motivada por esses fatores que iniciei a difícil batalha pessoal para me reintegrar ao grupo de Linguística da USP. Confesso que o começo foi muito difícil e, a todo momento, eu me sentia tentada a abandonar a empreitada. Era quase impossível encontrar tranquilidade para a pesquisa e para a docência num espaço tão doentamente conturbado. Contudo, dentro e fora do Departamento, começaram a despontar pessoas e maneiras de contornar e mesmo derrubar a muralha que separava aquele feudo linguístico do restante do mundo. A tentativa de construir meu próprio espaço coincidiu, apesar de todas as dificuldades contextuais, com o esforço conjunto de reconstrução de um espaço coletivo em que o trabalho com a linguagem fosse conduzido de forma democrática, científica, sem personalismos exacerbados. Isto é, de forma que a Linguística da USP rompesse com os quase 20 anos de constrangedora centralização e nefasto, cientificamente,

afastamento do restante da Linguística brasileira.

Se o custo dessa empreitada foi alto, os resultados foram extremamente positivos. Em termos pessoais, passei de fato a ter uma vivência acadêmica ideal, concentrando e aprofundando minhas pesquisas, como comprovam o conjunto dos trabalhos apresentados em congressos, seminários, simpósios e colóquios, as várias disciplinas ministradas durante anos na Graduação e na Pós-Graduação, a orientação de alunos, tendo vários mestrados e doutorados defendidos, a representação docente em vários níveis - Departamento, Comissão Interdepartamental de Letras, Conselho Técnico Administrativo, Congregação, Conselho Universitário, Conselho Editorial da Comissão de Publicações da FFLCH, Comissão Editorial da *Humanitas* e outras Comissões da FFLCH. Também é preciso destacar as duas gestões como Chefe do Departamento de Linguística e os dois concursos: Concurso de Efetivação na Carreira Docente e Concurso de Livre-Docente.

Considero que assumi uma cadência, um ritmo para o qual estivera me preparando desde a *Maria Antônia*. No que diz respeito ao Departamento de Linguística, o ingresso de novos professores, por concurso, a volta de grande parte dos linguistas que haviam abandonado o espaço, a realização de concursos de efetivação, a livre escolha da chefia do Departamento e da Coordenação da Pós-Graduação são fatores que deram uma nova identidade ao Departamento e à própria concepção de estudos linguísticos na USP.

Fecho os necessários parênteses

A partir do início do final dos anos 1980 e início dos anos 90, portanto, minhas pesquisas assumiram oficialmente uma área que bem pouco tempo antes não estava inserida na sistematização das diversas disciplinas, em nível de graduação e de pós-graduação,

voltada para o estudo das formas de construção do sentido, ou seja, a área de teoria e análise do texto e do discurso. Embora vários especialistas já trabalhassem com essa área há tempos, seguindo diferentes tendências teóricas, coube a mim iniciar, aos poucos, a perspectiva dialógica do discurso, os estudos de Bakhtin e o Círculo, na graduação e na pós-graduação. E é desse momento a minha participação no primeiro evento sobre Bakhtin, organizado pelo grande bakhtiniano Carlos Alberto Faraco, no Departamento de Linguística da Universidade Federal do Paraná, de 24/11 a 04/12 de 1987, do qual participaram Faraco, Luiz Roncari, Cristovão Tezza, Rosse Marye Bernardi, Boris Schnaiderman, Jerusa Pires Ferreira e eu. Como resultado, sai em 1988, pela editora Hatier, um livro pioneiro nos estudos bakhtinianos: *Uma introdução a Bakhtin*. A obra traz, além dos textos dos que colaboraram no curso, Notas Biográficas e Notas Bibliográficas, ou seja, informações inéditas em português.

Paris pintou no pedaço

A ideia de um pós-doutorado no Exterior surgiu em função da necessidade pessoal e profissional de vivenciar, pela primeira vez, a vida universitária fora do Brasil. Com um projeto ligado às pesquisas que desenvolvia naquele momento, e que tinham como tema a ironia enquanto processo de estruturação de texto, recebi da FAPESP uma bolsa para permanecer em Paris, trabalhando na École de Hautes Études en Sciences Sociales. Nos quase dois anos que lá fiquei, vivi, juntamente com a minha família (marido e a filha Mariana), as facilidades cotidianas, culturais e intelectuais que propiciaram um grande avanço nas minhas pesquisas e a consciência da possibilidade de contribuir para os estudos da linguagem no Brasil.

O contato com as condições de estudo no exterior teve o

mérito de causar dois conjuntos de impressões opostas, e que deram motivo a novas maneiras de enfrentar e compreender as condições brasileiras de pesquisa. De um lado o deslumbramento, que não é apenas fruto do imaginário colonizado, mas constatação de reais condições de pesquisa em excelentes bibliotecas, do acesso relativamente fácil a um insuspeitável material de pesquisa. Hoje talvez isso possa ser relativizado pelas facilidades representadas pela Internet. Naquele momento, contudo, estar no Exterior, por motivos de pesquisa, era realmente uma necessidade e um privilégio. Além disso, o contato com Jacqueline Authier-Revuz, Oswald Ducrot, Eric Landowski, Denis Bertrand e outros tantos pesquisadores, teve o mérito de fazer evoluir minhas pesquisas e abrir portas para as informações, cursos e seminários.

De outro, a frequência ao “Séminaire de Sémantique Générale”, bem como aos ateliês a ele ligados, atividade que me ocupou o semestre letivo 1991-1992, foi um aprendizado que ultrapassa e muito as informações sobre os estudos em torno da significação e aguça um sentido crítico. Boa parte dos professores, dos alunos, das pesquisas em andamento e, ainda, da organização e da condução de muitos ateliês configuram a fragilidade da excelência que, naquele momento, se atribuía aos estudos semiolinguísticos franceses. Assim como entre nós há coisas boas e ruins, ficando a eficiência e a produtividade por conta de bons projetos, lá também havia projetos sofríveis. Complementei, paralelamente, minhas pesquisas em Paris III e Paris X, ampliando meus contatos e meus conhecimentos.

Destaco aqui um evento excepcional que marca minha primeira atuação como pesquisadora fora do Brasil. Proferi, muito honrada pelo convite, uma conferência na velha Sorbonne, intitulada “La ‘langue brésilienne’ et le modernisme: Lima Barreto, Hilário Tácito et la Gramatiquinha de Mário de Andrade”, no DEA Études Portugaises, Brésiliennes et de L’Afrique Lusophone/

Responsable: Georges Boisvert, Université de la Sorbonne Nouvelle então Paris III, no dia 11/12/92.

Sob todos os pontos de vista, a experiência parisiense representou um enriquecimento pessoal, intelectual e acadêmico, traduzido em “produtos científicos”:

a) a tese de livre-docência, transformada no livro *Ironia em perspectiva polifônica* (Editora da Unicamp, 1996; com 2. ed, em 2008 e com muitas reimpressões). Nesse trabalho, mais uma vez, e de maneira mais aprofundada, procuro estabelecer a articulação entre estudos linguísticos e literários, buscando a via da análise dialógica do discurso, apresentando, na primeira parte, a tradição dos estudos da ironia, incluindo as tendências contemporâneas, e acrescentando a contribuição enunciativo-discursiva pretendida pelo trabalho, assim como a reflexão sobre a verbo-visualidade; na segunda parte, faço a análise do romance brasileiro *Madame Pommery*, escrito por Hilário Tácito, pseudônimo do engenheiro araraquarense José Maria de Toledo Malta. A escolha do romance se deve não a sua notoriedade, já que era (e é) pouco conhecido, mas ao fato de sua estrutura irônica, interdiscursiva e intertextual, possibilitar o reconhecimento da ironia como forma de construção textual e o romance como um antecipador de técnicas linguísticas e discursivas exploradas a partir do Modernismo. *Ironia em perspectiva polifônica* é, portanto, um trabalho que pretendeu contribuir para uma nova perspectiva da ironia e, também, configurar-se como o resultado de um processo de múltiplas faces, cuja identidade consiste justamente em sua “heterogeneidade constitutiva”, semelhante à concepção de linguagem que o inspirou.

b) Coordenação, juntamente com Michel Arrivé/ Paris X, do projeto internacional “Construção do sentido e aquisição das línguas”, Acordo CAPES/COFECUB - Université de Paris X Nanterre/ Institut des Sciences du Langage/ Departamento de Didática das Línguas/FLE (Francês Língua Estrangeira) - USP-SP/Departamento

de Linguística e Departamento de Letras Modernas/Francês, prolongando-se por cinco anos, resultando em Missões de Trabalho (duas por ano) e Missões de Estudo (seis, incluindo bolsa sanduíche e pós-doutorado) o que me possibilitou a volta acadêmica a Paris, em “Missão de Trabalho”, em 1994 e 1997;

b.1) Realização de dois encontros internacionais - *Colóquio Internacional: Cem Anos de Bakhtin*, 16 a 18/11/1995 e *Colóquio Internacional: pesquisa, ensino de línguas estrangeiras e mercado: encontros e espaços*, 03 a 06/11/98

b.2) Publicação de dois números especiais dos periódicos científicos *Língua e Literatura*, nº 21 (FFLCH/USP, 1995) e LINX (Paris, 1998), ambos com artigos resultantes das pesquisas efetuadas no âmbito do Acordo.

b.3) Organização do livro *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido* (Editora da Unicamp, 1997, com 2.ed. revista em 2005 e muitas reimpressões, sendo a mais recente de 2020).

b.4) Vários cursos de pós-graduação foram dados e organizados, contando com os participantes brasileiros e franceses do Acordo.

c) Ingresso no CNPq como pesquisadora/Bolsista. Hoje sou pesquisadora 1A.

Mesmo com a aposentadoria no final de 1997, continuei coordenando o Acordo CAPES/COFECUB, ministrando cursos, orientando alunos e participando de várias atividades do Departamento e da Universidade.

Próxima parada: PUC-SP

Filha da USP desde o final da década de 60, quando entrei para o curso de Letras, vivi o drama de abandonar o “lar”, no momento em que as questões controversas da Previdência ameaçavam os direitos dos aposentáveis. Não foi uma decisão fácil. O processo foi traumático tanto para mim quanto para o

Departamento de Linguística. Na verdade, o vínculo, profissional, pessoal e acadêmico era muito forte. Depois de choro e ranger de dentes, da revolta inicial dos colegas, não apenas do Departamento, mas da Faculdade como um todo, o fato se consumou. Antes mesmo que saísse publicada minha aposentadoria, recebo um telefonema da professora Leila Bárbara, dizendo que meu nome tinha sido indicado para compor o corpo de professores do PEPG em LAEL da PUC-SP.

A surpresa foi imensa e maior ainda a satisfação. É verdade que meu contato com a PUC-SP, especialmente com o LAEL, já datava de muitos anos, incluindo uma aproximação com a professora Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (quem fez minha indicação) durante minha permanência em Paris, uma vez que frequentávamos o mesmo curso de Jacqueline Authier-Revuz, em Paris III. Assim, depois de ter dado um curso com a professora Cecília de Souza e Silva - “Questões de Teoria e Análise do discurso: cenografia discursiva e produção de sentido”, no segundo semestre de 1997, curso que já tinha sido ministrado por nós duas no primeiro semestre do mesmo ano na USP, fui contratada pela PUC-SP, como professora do PEPG em LAEL/Departamento de Linguística, em março de 1998.

Desde aquele momento, minha integração com as pessoas e com a vida acadêmica desenvolvida pelo LAEL tem sido prazerosa e produtiva. Em primeiro lugar, é preciso dizer que não há diferença entre as formas de trabalho desenvolvidas na USP e as que são desenvolvidas especialmente no LAEL, a não ser pelas idiosincrasias específicas de cada espaço. Assim sendo, e considerando que meus estudos enunciativos-discursivos, impulsionados pela concepção e ensino da linguagem de Bakhtin e o Círculo interessavam à filosofia do LAEL, tenho preparado e ministrado, durante as mais de duas décadas que me encontro aqui, disciplinas, seminários de pesquisa, minicurso, além de intensa orientação de Mestrado e Doutorado, assim como supervisão de Pós-Doutorados.

Destaco que, já em 1998, ministrei o curso “Linguagem, instituição e história: as contribuições de Bakhtin para uma teoria dialógica do discurso”, tendo a obra bakhtiniana e sua contribuição para uma reflexão a respeito das relações existentes entre linguagem, instituição e história, destacando para estudo comentadores de diferentes nacionalidades e diferentes posturas, como é o caso dos russos, dos franceses, dos espanhóis e argentinos e dos americanos. E que no primeiro semestre 1999, ofereci o curso “Tópicos em análise do discurso: *as contribuições de Bakhtin para uma teoria dialógica do discurso*”, eu diria que um marco para o que eu começava a esboçar como Análise Dialógica do Discurso. Depois de ensaiada teoricamente em outras disciplinas e em apresentação de congressos e em alguns artigos, a ADD aparece explicitada no capítulo “Análise e teoria do discurso”, na obra *Bakhtin: outros conceitos-chave* (BRAIT, 2006, p. 9-31).

Os Seminários de Orientação e de Pesquisa também me deram a oportunidade de uma disciplinada discussão conjunta com os orientandos. Essa discussão sistemática da obra de Bakhtin e o Círculo originou duas importantes obras: *Bakhtin: conceitos-chave* (BRAIT, 2005) e *Bakhtin: outros conceitos-chave* (BRAIT, 2006), com a participação de vários pós-graduandos e também de estudiosos da obra do Círculo. Na verdade, essas discussões, e a troca de pesquisas com bakhtinianos, tiveram continuidade em duas outras obras: *Bakhtin, dialogismo e polifonia* (BRAIT, 2009) e *Bakhtin e o Círculo* (BRAIT, 2009).

A intensa convivência acadêmica com a Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, em cursos dados em conjunto, em eventos científicos, em orientações em parceria e no trabalho acadêmico de pesquisa e de orientação no LAEL/PUC-SP, motivou meu contato com o Projeto “Atividades de linguagem em situação de trabalho”, também um Acordo CAPES/COFECUB 225/97, dentro da linha de pesquisa Linguagem e Trabalho, na qual me insiro até hoje. Nele

havia o intercâmbio muito produtivo entre pesquisadores brasileiros e franceses ligados a linguagem e trabalho. O fato de meu interesse pelos estudos da linguagem e pela especialização nos trabalhos do Círculo contribuiu de forma decisiva para a possibilidade de minha inserção no grupo. Considerando o fato de que vários pesquisadores grupo francês valiam-se das posturas bakhtinianas para trabalhar as particularidades da linguagem em situação de trabalho, passei a participar das pesquisas propostas pelo Projeto. Além desse projeto, na condição de pesquisadora do CNPq, desenvolvi, como coordenadora, o Projeto Integrado *As práticas de linguagem e a construção do sujeito e da identidade em situação de trabalho* (CNPq 1999-2004) tendo, ainda, desenvolvido o projeto individual *Estudos enunciativos no Brasil: história, perspectiva e relações de linguagem e trabalho*.

Nesse sentido, depois de 2004, tive aprovados pelo CNPq e desenvolvi os projetos: “Contribuições teórico-metodológicas da perspectiva dialógica de discurso para a análise das relações estilo, trabalho e construção de identidades” (2005-2008); “Verbo-visual e produção de sentidos: perspectiva dialógica” (2009-2014); “Fundamentos e desdobramentos da perspectiva dialógica para a análise de discursos verbais e verbovisuais (2015-2019); Discursos de resistência: tradição e ruptura (2019 – Atual). Nesses últimos, já inseri uma vertente voltada para o discurso literários: “Gêneros: tradição e ruptura na ficção brasileira contemporânea” (2013 – 2019) e “Discursos literários brasileiros de resistência” (2020 – Atual). A razão dessa inclusão é que, em 2013, ingressei no PEPG de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, conciliando, institucionalmente, meus estudos da linguagem cotidiana e estudos da linguagem artística.

Ao longo do percurso, passei a ser assessora *ad hoc* da CAPES, do CNPq e da FAPESP; Membro da Avaliação Trienal/Quadrienal dos Programas de Pós Graduação, por várias vezes; líder do GP/CNPq/PUC-SP *Linguagem, Identidade e Memória*; membro do GT/

ANPOLL Estudos Bakhtinianos; Coordenadora do PEPG em LAEL-PUC-SP (2001-2009); Presidente da ANPOLL (2004-2006); Membro do Comitê Assessor do CNPq/Área de Letras e Linguística (2010-2013); Membro do Comitê Consultivo SciELO, representante da Área de Letras, Linguística e Artes (2013-2016), Moderadora / SciELO de preprints; professora visitante na Université de Provence - IUFM-ADEF, UP-IUFM-INRP/França (2005) e, também, na Universidade Federal da Bahia/UFBA/Brasil (2000/2001).

A perspectiva dialógica, a Análise dialógica do Discurso, finalizando a conversa.

Penso finalizar este panorama sobre minha relação profissional e existencial com a linguagem, com a linguística, com a análise do texto e dos discursos, acreditando em uma contribuição para a linguística *no feminino*, com as características do que se denomina hoje Análise Dialógica do Discurso (ADD), consequência desse percurso acadêmico, de minhas escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas em relação a discurso e seus estudos, dos contatos com os estudiosos de Bakhtin e o Círculo, no Brasil e no exterior.

Em primeiro lugar, as linguagens, como afirmam diferentes filosofias, aí incluída a filosofia da linguagem e da cultura proposta por Bakhtin e o Círculo, é essencial para que o ser humano entre em contato com a cultura, a sociedade, pelo fato de que essas dimensões não podem ser observadas de forma direta. A percepção, observação e interpretação passam, necessariamente, pelas linguagens, pelos discursos que as materializam. É preciso, portanto, situar o que estamos entendendo por *discurso* e isso só pode ser feito a partir de um lugar epistemológico, teórico e metodológico, no qual nos situamos e constituímos nossa identidade científica, a qual implica,

pela complexa natureza do objeto estudado, o envolvimento alteritário (constitutivo) com outros saberes e lugares de existência, atuação e resistência.

Se levarmos em conta o amplo campo ocupado institucionalmente, no Brasil e no exterior, pelas ADs, cujas pesquisas se caracterizam por ter o *discurso* como elemento centralizador, nos defrontaremos com as variadas e produtivas dicções francesas, anglo-saxãs e russo/brasileiras, sem que haja entre elas unanimidade em torno do conceito de *discurso*. Ele é concebido não como um mesmo e idêntico objeto, mas com as singularidades determinadas pela epistemologia, pelo lugar axiológico que rege cada uma das análises do discurso. Cabe a cada lugar epistemológico, a cada lugar teórico-metodológico, definir e delimitar os óculos, as lupas por meio das quais enxergará a sociedade, a cultura, a história, em sua complexidade, em seus multifacetados ângulos, sublinhando que essas dimensões são entrevistadas, sejam quais forem as dicções, com articulações necessárias com diferentes filosofias e com as ciências humanas em geral, por meio da linguagem e dos sujeitos e visões de mundo aí constituídos.

Detenho-me aqui no campo dos estudos do discurso a que estou filiada há algumas décadas, com o qual venho trabalhando, por meio da qual produzi a maior parte de minhas reflexões, publicações, disciplinas, orientações de Mestrado e Doutorado, assim como supervisões de pós-doutorado, que somam, em conjunto, mais de uma centena. Trata-se da perspectiva dialógica, que tem uma postura bastante explícita diante do conceito de discurso, sempre mobilizado em relação direta com sociedade e cultura. Refiro-me aos estudos denominados *bakhtinianos*, mas que na verdade dizem respeito à concepção filosófico/literária/linguística de ao menos três grandes pensadores da linguagem, e especificamente do discurso, dentre os vários que compõem o hoje denominado Círculo: Mikhail Bakhtin (1875-1895), Valentin N. Voloshinov (1895-

1936); Pavel N. Medvedev (1891-1938). Os escritos desses três russos oferecem e motivam abundantes e significativas discussões - de caráter filosófico, estético, teórico-literário, linguístico, enunciativo, discursivo, dentre outros - em torno *da linguagem em relação direta com a vida, com a sociedade, com a cultura*, como já destaquei em vários trabalhos. Os textos dos três iluminam essa perspectiva.

Relembro aqui apenas alguns aspectos do conjunto da produção desses estudiosos do discurso, a fim de reiterar, pela *Análise Dialógica do Discurso* (ADD), advinda desses pensadores, que existe uma relação constitutiva entre discurso, sociedade e cultura, acrescentando a ideia essencial da articulação, sem escapatória, de linguagem-sujeitos-posições axiológicas; discurso-sujeitos discursivos-valorção.

Logo no primeiro capítulo de *Marxismo e filosofia da linguagem*, V. Volóchinov afirma a relação entre linguagem e valorção social, cultural:

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social - seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo - mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora de seus limites. Tudo que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. [...] O campo ideológico coincide com o campo dos signos [...] *Onde há signo há também ideologia* [...] *o caráter signico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos* (2017, p. 91, 93, 94; itálicos do autor).

Passo, em seguida, para o conceito de *discurso* que, também mobilizado pelos outros pensadores do Círculo, foi proposto por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2013 [1ª ed. 1929; 2ª reelaborada 1963]), obra que, longe de ser somente um brilhante trabalho de teoria literária, é uma reflexão filosófica sobre o humano, sobre sua complexidade, possibilitando uma visão sobre a cultura, a sociedade e o conhecimento, necessariamente materializados na

linguagem. Dialogando com ideia *signo-ideológico* proposto por Volóchinov, Bakhtin toma *discurso* como objeto da Metalinguística, uma ciência que ele estava propondo e que, sem dúvida, podemos hoje considerar, como fiz em trabalhos anteriores (BRAIT, 1998, 2000, 2004, 2006) como teoria/análise dialógica do discurso:

[...] temos em vista o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subentendendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se [...] (BAKHTIN, 2013, p. 207; itálico no original).

Mais adiante, ele deixa claro o que está definindo como *discurso* enquanto objeto da Metalinguística, associando-o ao conceito fundante dessa perspectiva que é *relações dialógicas*:

As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da Metalinguística. [...] as relações dialógicas são extralinguísticas [...] Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.) está impregnada de relações dialógicas [...] que carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos. Para tornarem-se dialógicas [...] devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado, e ganhar *autor*, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa (BAKHTIN, 2013, p. 208, 209, 2010).

Esse complemento dá conta da singularidade do objeto da

Metalinguística, incluindo a explicitação de que essas relações se caracterizam como extralinguísticas, na medida em que se dão na relação vida-linguagem. E aí podemos entender social, cultural, implicando sujeitos discursivos enquanto posições axiológicas, interpretando o mundo refratado pela linguagem, pelos discursos enquanto vozes sociais valorativas e, por isso, dialogicamente tensas e polêmicas.

Para surpreendermos mais um elemento que nos oferece pistas *genéticas* sobre o caráter constitutivo da tríade discurso, sociedade e cultura, passamos ao texto “Discurso no romance” (BAKHTIN, 1915 [1934-35]), ensaio em que o pensador traz, de maneira pioneira, uma profunda reflexão sobre o diálogo social das linguagens, o plurilinguismo dialogizado [heteroglossia, heterodiscurso], a luta entre as forças centrípetas, orientadas para a centralização verboideológica, e as forças centrífugas, constitutivas das múltiplas línguas em uso e da descentralização verboideológica:

A estratificação e o heterodiscurso [plurilinguismo] se ampliam e se aprofundam enquanto a língua está viva e em desenvolvimento; ao lado das forças centrípedas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de *descentralização e separação* (2015, p.41). [...] Cada enunciação concreta do sujeito do discurso é um ponto de aplicação tanto das forças centrípetas quanto das centrífugas. [...] E essa comunhão ativa de cada enunciado no heterodiscurso [plurilinguismo] vivo determina a feição linguística e o estilo do enunciado em grau não inferior à sua presença ao sistema normativo-centralizador da língua única (2015, p.42)

Apenas esses dois exemplos já nos dão uma medida de que, com Volóchinov e Bakhtin, assumimos uma concepção de linguagem *semiótico-ideológica, dialógico-social*, na qual estão sublinhados os debates discursivos, motivados pelos embates entre lugares axiológicos, materializados em sujeitos discursivos, que são coagidos, de um lado pelas forças autoritárias, que pressionam

para a unidade das ideias, das linguagens, dos sujeitos; por outro, são impulsionados pelo plurilinguismo, que resiste e promove a descentralização.

Esses destaques são suficientes para reconhecer que lidamos com discursos, com universos discursivos povoados de vozes sociais, com o objetivo de interpretar a sociedade, entendida não como única, mas como múltipla, assim como as culturas que, vivas e ricas, não se reduzem à uma única cultura nacional. Se o sujeito discursivo é único, mas ao mesmo tempo social, essa é uma das razões para que a ADD dialogue tão fortemente com filosofias e com as ciências humanas em geral. É com esse arcabouço e essa posição que desenvolvo, enquanto pesquisadora do CNPq e juntamente com meus orientandos, pós-docs e colaboradores, meu projeto atual “Discursos de resistência: tradição e ruptura” (CNPq (Proc.307028/2018-6)).

Nessa pandemia sanitária e política que o Brasil atravessa, as universidades, assim como nossas associações, têm promovido eventos de forma remota, *lives* etc. motivando a continuidade da reflexão sobre o país e, especialmente, sobre os *discursos* que assolam o Brasil. Destaco aqui, como prova dessa atuação de analistas de várias dicções, não apenas da ADD, o periódico bilíngue (Português-Inglês), Qualis A1, indexado no SciELO, Scopus, Web of Science, adepto da Ciência Aberta, *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* (LAEL/PUCSP), do qual sou a editora responsável. Com quatro números por ano, publica e mostra a pesquisa das diferentes ADs, em diálogo com outras vertentes do conhecimento, no Brasil e no exterior.

A ADD, assim como as demais ADs, constitui uma perspectiva sobre a linguagem e seu estudo que interfere em paradigmas de ensino/aprendizagem, leitura, pesquisa, em diálogo aberto e interdisciplinar entre diferentes Ciências Humanas e suas aplicações. Isso transparece no esforço contínuo de interferência, por exemplo,

no estabelecimento de currículos oficiais para os diferentes níveis do ensino. É verdade que os embates com as forças sociopolíticas dominantes são uma constante e quase nunca os resultados são os desejados.

No caso da Análise Dialógica do Discurso, há muitos professores da rede de ensino que são orientados ou supervisionados por mim e por muitos outros “bakhtinianos” em todas as regiões brasileiras e em múltiplas instituições. Eles pesquisam e trabalham temas ligados à sala de aula, a interação professor-aluno, a interação escola-comunidade, à análise do trabalho específico do professor, enquanto profissional e educador, dentre outras funções exercidas na esfera escolar e administrativa e, também, à verbo-visualidade dos materiais que circulam na esfera escolar e acadêmica. Os resultados aparecem nas mudanças em relação às escolas, às comunidades em que atuam e, ainda, no universo pedagógico e na elaboração de materiais didáticos. Penso que duas coletâneas das quais participei como organizadora, podem ajudar a ver a efetiva produção da perspectiva dialógica e dos pesquisadores com ela envolvidos: *Dialogismo: teoria e(m) prática* (BRAIT, B; MAGALHÃES, A. S, 2014) e *Linguagem e conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)* (BRAIT, B.; PISTORI, M.H.C.; FRANCELINO, P. F., 2019).

Um outro exemplo acontece em relação ao tema que tanto nos é caro: a inclusão. Refiro-me aqui à inclusão do povo surdo em diferentes esferas da atividade humana e dos trabalhos (dissertações, teses, artigos, etc.) em que a questão da tradução e interpretação em língua de sinais, assim como o aperfeiçoamento profissional de intérpretes, foi assumida discursivamente. A atuação dos pesquisadores dessa área, em geral professores e/ou intérpretes, é hoje reconhecida, paralelamente aos estudos formais das línguas de sinais. A questão do discurso, assim como concebida por Bakhtin e o Círculo, tem dado muitos frutos implicando atuação desses

doutores e mestres na formação dos intérpretes, na graduação e na pós-graduação, em universidades e institutos de ensino e em esferas artísticas e jurídicas. Essa é uma das minhas vertentes atuais, como se pode ver em vários trabalhos defendidos por orientandos, e no livro mais recente organizado por mim e pelo Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves/UFPR, intitulado *Bakhtin e artes do corpo* (HUCITEC, 2021). Isso me leva a enxergar muito trabalho inclusivo pela frente.

Referências

AMPUERO, Roberto. **O último tango de Salvador Allende**. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Benvirá, 2014.

ÂNGELO, Ivan. **A festa**. São Paulo: Vertente, 1976.

ÂNGELO, Ivan. **A festa**. São Paulo: Geração Editorial, 1995.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. *In: Teoria do romance I: A estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 19-241.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. revista. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, 207. [1963]

BARTHES, R. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

BRAIT, B. & GONÇALVES, J. C. (ORGS.). **Bakhtin e as artes do corpo**. São Paulo: Hucitec, 2021.

BRAIT, B.; MAGALHÃES, A. S. (Orgs.). **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota, 2014.

BRAIT, B.; PISTORI, M.H.C.; FRANCELINO, P. F. (Orgs). **Linguagem e conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)**. Campinas: Pontes, 2019.

BRAIT, B. **A personagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BRAIT, B. Revisitando mitologias pelas lentes dialógicas. **Revista Desenredo**, v. 10, p. 9-30, 2014. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4094> Acesso em 10 de julho de 2021.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **Trab. educ. saúde** [online]. 2004, vol.2, n.1, pp.15-32. ISSN 1981-7746. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462004000100003>. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462004000100003&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso 01/07/2021

BRAIT, B. A análise dialógica do discurso como pressuposto teórico-metodológico da articulação gênero, trabalho e instituição. 2000. (Apresentação de Trabalho/Simpósio). Essa informação pode ser localizada no **10 InPLA** (Simpósios).

BRAIT, B. **Análise Dialógica do Discurso**: disciplina ministrada em 1998 e registrada no LATTES.

BRAIT, B. A narrativa como criação e resistência. In: ÂNGELO, Ivan. **A festa**. 8.ed. São Paulo: Geração Editorial, 1995, p. 223-233.

BRAIT, B. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **Trab. educ. saúde** [online]. 2004, vol.2, n.1, pp.15-32. ISSN 1981-7746. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462004000100003a> https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462004000100003&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso 01/07/2021

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed.

LINGUÍSTICA NO FEMININO

Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

